



A nobreza, fonte espiritual da Civilização Ocidental

Ricardo da Costa¹

Nobilis, non vilis, cuius et nomen et genus scitur.

É nobre, e não vil, aquele cujo nome e cuja raça são conhecidos

Isidoro de Sevilha, *Etimologias* X, 184.

A simplicidade e concisão da definição do bispo de Sevilha não deixam dúvidas: o que então distinguia e hierarquizava os homens na Alta Idade Média era o conhecimento que esses privilegiados tinham de pertencer a uma *raça sagrada*, antiga noção de *nobreza* (*nobilis*, “que se pode conhecer”, “que é conhecido”). Isso porque ainda não havia um estatuto jurídico próprio que se perpetuasse através do sangue – condição *sine qua non* para a constituição de uma nobreza, já dizia Marc Bloch (1886-1944). Isso só ocorreu bem mais tarde, por volta do século XII.² Mas o primeiro alicerce já fora lançado: só era nobre aquele cujo nome fosse conhecido, e, posteriormente, aquele que, com seu nome, pudesse provar a nobreza de seus antepassados.

Quando Isidoro de Sevilha (c. 56-636) escreveu aquelas palavras, a obscuridade quase se tornara lei. Para se ter uma idéia disso, as genealogias dos camponeses medievais islandeses (sim, dos camponeses) são mais bem conhecidas por nós que a dos barões continentais!³ Essas famílias, essas *raças*, sofriam uma notável e constante renovação, até mesmo extinções. De qualquer modo, a distinção de nascimento era aceita também pelo fato de não existirem escravos entre seus antepassados – o que também sucintamente diz Isidoro. E pelo seu conceito oposto, isto é, nobre era que tinha o gozo da *libertas*, a faculdade de dispor de si e de seus bens – e de ser generoso com eles (a famosa *largueza cavaleiresca*).⁴

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). **Acadêmico Correspondente** n. 90 da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: www.ricardocosta.com

² BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 297.

³ Embora saibamos que muitas das genealogias camponesas tenham sido inventadas (como, de resto, a nobreza também fazia). Para isso, ver SAWYER, Peter H. “The Twelfth Century”. In: SAWYER, Peter H. *Kings and Vikings: Scandinavia and Europe AD 700-1100*. London: Routledge, 2003, p. 8-23.

⁴ GÉNICOT, Léopold. “Nobreza”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 281.

“A *largueza* era a terceira das virtudes necessárias ao cavaleiro. Idealmente, ela realizava o gentil-homem, instaurando a distinção social, pois o cavaleiro tinha o dever de nada reter

Além disso, a posse de uma terra, mesmo que *alodial*, tornava o seu detentor, ainda que um modesto camponês (sim, um camponês), alguém distinto dos outros, alguém honorável. Contudo, a riqueza não era condição indispensável (embora sempre fosse postulada – na Espanha eles não eram os *ricos-homens*⁵): poderia haver – e havia – nobres ricos e pobres, como camponeses ricos e pobres!⁵ Por exemplo, a nobreza polonesa (de 8 a 10% da população), em pleno século XVI, isto é, já no período moderno, tinha um nível de vida que não diferia muito do de seus camponeses.⁶

Mas, acima de tudo, o *poder de mando*. Marc Bloch, sempre muito sensível a tudo que é humano, pergunta: “Houve alguma vez motivo mais seguro de prestígio do que o de poder dizer: ‘eu quero?’”.⁷ Não. Igualmente honorável era o *exercício do poder* (especialmente o de julgar, o poder de *ban*) ou a proximidade dele (especialmente o monárquico), embora isso também não concedesse a *nobilitas per se*. Somado a isso, a coragem no campo de batalha, e o desejo do combate – a cavalo, claro: pouco a pouco, com o tempo, cavaleiro passou a ser sinônimo de nobre. Todas essas peculiaridades conferiam ao seu detentor um orgulhoso sentimento de distinção, de pertença a um grupo de escol.

Em via de regra pouquíssima numerosa, a nobreza era aberta, pois não totalmente endogâmica. Nesse sentido, as mulheres desempenhavam um

em suas mãos. De sua generosidade ele hauria a força que possuía e o essencial de seu poder – ou, pelo menos, o renome e a calorosa amizade que o cercava. Em Ramon Llull, a *largueza* (*largesa, larguea, larguesa*) significava o mesmo: abundância em dar, generosidade, liberalidade, a caridade do cavaleiro, o respeito pelos feridos na batalha.” – COSTA, Ricardo da. “A *ética da polaridade* de Ramon Llull (1232-1316): o conhecimento necessário dos vícios e virtudes para o bom cumprimento do corpo social”. In: COSTA, Marcos Roberto N. e DE BONI, Luis A. (orgs.). *A Ética Medieval face aos desafios da contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 487-502. Disponível na Internet: <http://www.ricardocosta.com/pub/polaridade.htm>

⁵ O filósofo catalão Ramon Llull (1232-1316) oferece um considerável número de *exempla* em que apresenta histórias de nobres empobrecidos e camponeses ricos, como, por exemplo, o cap. 73 do *Livro das Maravilhas* (1288-1289), em que um camponês rico casa-se com uma mulher de linhagem nobre. Ver COSTA, Ricardo da. “A noção de *pecado* e os *sete pecados capitais* no *Livro das Maravilhas* (1288-1289) de Ramon Llull”. In: FILHO, Ruy de Oliveira Andrade (org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média. Estudos em Homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro - I CIEAM - VII CEAM*. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, p. 425-432. Disponível na Internet: <http://www.ricardocosta.com/pub/nocaopecado.htm>

⁶ BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 419.

⁷ BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal, op. cit.*, p. 303.

papel fundamental. Elas eram as responsáveis pela transmissão do sangue, o elemento permanente e consubstancial da raça livre.⁸ Essa é a origem laica da valorização feminina na Idade Média.⁹ Mas o herdeiro deveria fazer jus ao herdado pela família, ao direito patrimonial, mesmo um rei. Para fazer valer sua *potestas* real, o monarca, *primus inter pares*, deveria saber impor-se, com sua personalidade, com sua inteligência, e, sobretudo, com sua coragem. Sem isso, ele teria o poder, mas não a autoridade.¹⁰

A nobreza medieval forjou a gênese de nossa civilização. Mais do que seu caráter guerreiro, foi na nobreza que brotou a literatura, expressão máxima de uma cultura digna do nome.¹¹ Poemas, novelas, genealogias, cronologias, tratados, enciclopédias, crônicas, hagiografias, com eles a nobreza européia exprimiu e difundiu os códigos sociais universais. Por isso, ela foi o substrato que moldou a cultura exportada para o mundo com a Modernidade.

Contudo, a Idade Média não inventou a nobreza, mas a aprimorou, a lapidou sob os valores cristãos. Em uma profunda camada histórica abaixo do mundo medieval, o terreno já fora muito bem preparado e sedimentado pela Antigüidade, pela *arete* nobiliárquica grega.¹² Notavelmente, todas as características da nobreza medieval já estão presentes na poesia do período homérico, tanto na *Iliada* quanto na *Odisseia* – por exemplo, a coragem em campo de batalha e o profundo sentido do dever, a honra e o orgulho de pertencer a seu grupo social, e, acima de tudo, a elevação da posição

⁸ Embora, na prática, isso não impedisse os casamentos das mulheres (particularmente as viúvas) com homens fora do grupo nobiliárquico (as chamadas *nuptiae impares*).

⁹ Para o tema, ver COUTINHO, Priscila Lauret e COSTA, Ricardo da. “Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da *Condição Feminina* na Idade Média”. *In: em* GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12*. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003, p. 4-28. Disponível na *Internet*: <http://www.ricardocosta.com/pub/amor.htm>

¹⁰ LUIS VILLACANA, José. *Jaume I el Conquistador*. Madrid: Espasa-Calpe, 2004, p. 19.

¹¹ Para a literatura medieval, o sempre clássico CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora HUCITEC/EDUSP, 1996, mas também COHEN, Gustave. *La Vida Literaria en La Edad Media*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

¹² “Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para este termo; mas a palavra *virtude*, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega.” – JAEGER, Werner. *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 18.

feminina.¹³ Trata-se, portanto, de uma gestação inscrita na *longa duração*, como diria Fernand Braudel (1902-1985), no tempo quase imóvel do movimento mais profundo das marés.¹⁴ Por isso sua perenidade, densidade e profundidade.

Retornar periodicamente à nobreza do Velho Mundo, reinterpretá-la, resgatá-la do historicismo sem limite, nesta noite em que todos os gatos são pardos, como bem disse Werner Jaeger (1888-1961)¹⁵, é beber do tesouro inesgotável que é a cultura antiga e medieval, é examinar novamente os nossos próprios fundamentos histórico-culturais, principalmente em um momento crítico como esse, em que presenciamos o ocaso de seus frutos.¹⁶ Pelo contrário, só poderemos aspirar a um futuro mais compreensivamente generoso com o estudo de nosso passado mais universal. A universalidade histórica clama pela generosidade espiritual. E certamente a aristocracia e a nobreza no mundo antigo e medieval podem nos proporcionar essa amplitude do espírito, tão necessária nos obscuros dias hodiernos.

¹³ “...numa raça orgulhosa de cavaleiros, a mulher pode ser mãe de uma geração ilustre. Ela é a mantenedora e guardiã dos mais altos costumes e tradições.” – JAEGER, Werner. *Paidéia, op. cit.*, p. 33.

¹⁴ BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Filipe II*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, vol. I, p. 25-26.

¹⁵ JAEGER, Werner. *Paidéia, op. cit.*, p. 11.

¹⁶ Jean Lauand já advertira: “Quem contempla o panorama educacional brasileiro percebe imediatamente que o ostrogodo é uma realidade atual, atualíssima. Tal como no século VI, o perigo que enfrentamos é o do simples desaparecimento da cultura grego-romana que plasmou o Ocidente. Quem lê e compreende a fundo, hoje, Platão, Aristóteles, Virgílio, Cícero, Agostinho, Tomás de Aquino, Dante?” – LAUAND, Jean. *Cultura e Educação na Idade Média. Textos do século V ao XIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 3.